

ESPAÇOS OCIOSOS

Eles querem platéia

Alethea Muniz e Thaís Cieglinski

Da equipe do Correio

No Conjunto Cultural da Caixa, a frequência de atividades culturais no teatro ainda é tímida diante da qualidade e da capacidade do espaço depois de reforma realizada no ano passado. Nem toda semana tem programação ali. "Além de ceder a pauta, a Caixa também patrocina os espetáculos e dependemos dessa liberação para divulgar o programa", justifica a diretora Sônia Schuitek. Ela diz que a intenção é soltar o mais rápido possível as atrações dos próximos três meses.

Um importante diferencial nesse espaço é não se tratar simplesmente de uma sala de aluguel para espetáculos. Existe ali uma espécie de curadoria para selecionar as atrações que sobem ao palco, formada por duas pessoas da Caixa e dois professores de artes da Universidade de Brasília. As inscrições são abertas no início do ano. O primeiro passo da seleção é a análise de recursos.

"Se o projeto é muito caro, pode prejudicar o funcionamento do espaço. Queremos propiciar o maior número possível de trabalhos", explica Sônia. "Ao elaborar o projeto, as pessoas precisam ter consciência de que estão usando um espaço muito bom sem pagar pela estrutura." Em abril, o espaço foi reaberto com a comédia francesa *A Dança das Galinhas*. Depois, apresentou série de shows musicais. Em junho, passou alguns dias fechado para ajustes na iluminação.

Com curadoria para selecionar projetos, Conjunto Cultural da Caixa mantém ainda programação tímida. Já o Teatro Sesc Garagem tem atividade intensa que prioriza as produções locais

O BOM EXEMPLO

Quando se trata de ocupação dos espaços reformados no ano passado, a mais bem-sucedida experiência é certamente a do Teatro Sesc Garagem, localizado na 913 Sul. Desde que reabriu as portas em novembro passado, depois de uma reforma que consumiu R\$ 1,5 milhão, raros são os finais de semana em que não há atração na sala. E mais: o palco está quase sempre ocupado por grupos brasilienses.

Em 23 anos de existência, o espaço conquistou fama de apoiador da cultura local, abrigando espetáculos de músicos, atores, diretores e dançarinos de Brasília. "O Garagem sempre foi um ponto de resistência cultural, desde a época da ditadura", afirma o ator Rogero Torquato, coordenador de Teatro e Programação do Sesc Garagem da 913 Sul.

Concebido para servir de garagem à frota oficial do Sesc, o teatro foi responsável por revelar gente como Renato Russo, Cássia Eller e Raimundos. Nos anos 90, era uma espécie de templo da juventude alternativa da cidade. As bandas em início de carreira tinham espaço garantido quinzenalmente na Feira de Música. Pravda, Little Quail, Oz, Maskavo Roots foram alguns dos grupos que passaram por lá.

Já o projeto Jogo de Cena ajudou a dar um empurrãozinho aos Melhores do Mundo — à época conhecidos como A Culpa é da Mãe — e revelou atores e diretores cidadãos. "O teatro tem a cara de Brasília e pretendemos manter esse caráter de valorização do artista local", confirma Torquato. No semestre passado, recebeu espetáculos como *Ariano e Catirina* e o elogiado *Propriedade Condenada*.

A pauta do teatro é fechada semestralmente e para se apresentar por lá é preciso encaminhar um projeto — com release, fotos e *fitas-demo* (no caso de bandas) — à direção da Sesc. "Todos os pedidos são avaliados por uma banca, que se encarrega de distribuir democraticamente as pautas", garante o coordenador. A pauta para o segundo semestre de 2002 está praticamente fechada, mas os interessados ainda podem enviar novos projetos. O "aluguel" do espaço sai quase de graça: R\$ 200,00 ou 15% da bilheteria. "Nossa intenção não é virar *point*, mas sim criar um público *habitue*", diz Torquato.

Divulgação



PROPRIEDADE CONDENADA TEVE CURTA TEMPORADA NO TEATRO SESC GARAGEM: ESPAÇO TEM POLÍTICA CULTURAL ATIVA